

Artigo

Intervenção dos educadores sociais no combate ao bullying escolar: métodos e impactos

Intervention by social educators in the fight against school bullying: methods and impacts

Gladys Nogueira Cabral¹, Shanda Lindsay Espinoza Cabral², Diogo Rafael da Silva³ e Marcelo Rodrigues Tenório⁴

¹Doutoranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Asunción, Paraguay. E-mail: gladyscabraln@gmail.com;

²Pedagoga pela Faculdade de Ciências Humanas do Estado de São Paulo, Cruzeiro, São Paulo. E-mail: lindsayshanda@gmail.com;

³Mestrando em Engenharia de Software pelo Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife, Recife, Pernambuco. E-mail: ans.diogo@gmail.com;

⁴Mestre em Ensino de Biologia pela Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará. E-mail: marcelort23@yahoo.com.br.

Submetido em: 17/09/2024, revisado em: 19/09/2024 e aceito para publicação em: 22/09/2024.

Resumo: O presente estudo investiga a complexidade do bullying escolar e a necessidade de estratégias eficazes para seu enfrentamento. O objetivo principal é realizar uma análise bibliográfica sobre a necessidade urgente de estratégias eficazes para combater o bullying, ressaltando a importância do papel dos educadores sociais e oferecendo uma visão detalhada dos métodos e programas que têm demonstrado sucesso na redução da violência escolar. Para isso, o estudo utilizou como metodologia, a revisão de pesquisas e práticas sobre o bullying como direcionamento à pesquisa bibliográfica. O levantamento e análise de dados focou na eficácia de intervenções como a mediação de conflitos e o suporte psicológico, além de ressaltarem a urgência de conscientização e capacitação de profissionais envolvidos, tendo como materiais-base artigos de revisão, capítulos de livro e obras sobre a temática, encontradas em diferentes bases de dados digitais como Google Acadêmico, Scielo, Editorias, entre outros. Os resultados indicaram que a colaboração entre educadores, gestores e famílias é essencial para o sucesso das intervenções contra o bullying. Programas como o A.V.E. demonstraram eficácia na redução da violência escolar e na melhoria do bem-estar dos alunos. A pesquisa concluiu que a ausência de um ambiente empático e de estratégias adequadas pode perpetuar o bullying, ressaltando a demanda por um enfoque integrado e capacitado para garantir a segurança e o desenvolvimento saudável dos estudantes.

Palavras-chave: Bullying; Educadores sociais; Intervenção; Métodos; Impactos.

Abstract: This study investigates the complexity of school bullying and the need for effective strategies to tackle it. The main objective is to carry out a literature review on the urgent need for effective strategies to combat bullying, highlighting the importance of the role of social educators and offering a detailed overview of the methods and programs that have demonstrated success in reducing school violence. To this end, the study used a review of research and practice on bullying as its methodology. The survey and analysis of data focused on the effectiveness of interventions such as conflict mediation and psychological support, as well as highlighting the urgent need to raise awareness and train the professionals involved, using review articles, book chapters and works on the subject, found in different digital databases such as Google Scholar, Scielo, Editorias, among others. The results indicated that collaboration between educators, managers and families is essential for successful interventions against bullying. Programs such as A.V.E. have proven effective in reducing school violence and improving student well-being. The research concluded that the absence of an empathetic environment and appropriate strategies can perpetuate bullying, highlighting the need for an integrated and trained approach to ensure the safety and healthy development of students.

Key-words: Bullying; Social educators; Intervention; Method; Impacts.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a temática do bullying escolar, que tem se intensificado ao longo dos anos

devido aos impactos profundos que pode ter sobre a vida das vítimas e o ambiente educacional. Definir claramente o que constitui o bullying e compreender sua

prevalência nas instituições de ensino é primordial para trabalhar o desenvolvimento de estratégias eficazes de intervenção e prevenção.

A relevância deste tema se justifica pelas graves consequências que o bullying pode acarretar para o bem-estar emocional e acadêmico dos alunos. Abordar esse problema de maneira ampla destaca a pertinência do papel dos educadores sociais, que não apenas identificam e intervêm em casos de bullying, mas também atuam como mediadores e agentes de mudança dentro do ambiente escolar.

O objetivo deste estudo é realizar uma análise bibliográfica sobre a necessidade urgente de estratégias eficazes para combater o bullying, ressaltando a importância dos educadores sociais e oferecendo uma visão detalhada dos métodos e programas que têm demonstrado sucesso na redução da violência escolar.

O recorte metodológico adotado será exclusivamente bibliográfico, utilizando um enfoque qualitativo para a interpretação das fontes selecionadas, abordando a postura do professor diante do bullying em sala de aula e enfatizando a relevância da escola como agente formador de valores. Serão exploradas também as consequências para as vítimas, assim como atividades e ações que podem ser desenvolvidas com educadores e demais profissionais no contexto escolar. A análise de programas e estratégias práticas, como mediação de conflitos e suporte psicológico, será fundamental para ilustrar como essas abordagens podem efetivamente reduzir os casos de bullying e melhorar o ambiente escolar.

Este estudo está organizado em cinco capítulos. No capítulo introdutório, abordamos a temática, proporcionando uma breve contextualização que inclui a relevância, a metodologia, os objetivos e a estrutura da pesquisa. O segundo capítulo é dedicado à exploração das bases epistemológicas sobre “o papel dos educadores sociais no combate ao bullying, que envolve suas funções e responsabilidades, além da colaboração com outras entidades”. No terceiro capítulo, discutimos os “métodos de intervenção utilizados pelos educadores sociais, que abrangem programas e estratégias, e

exemplos de intervenção”. No quarto capítulo apresentamos os “impactos das intervenções, que discutem os resultados positivos, além dos desafios e limitações do cenário”. Por fim, no quinto capítulo, são expostas as conclusões, seguidas pelas referências consultadas.

2 O PAPEL DOS EDUCADORES SOCIAIS NO COMBATE AO BULLYING

O bullying escolar é um problema persistente que afeta negativamente o ambiente de aprendizagem e o bem-estar dos alunos. Caracterizado por comportamentos agressivos e intimidadoras, o bullying pode causar sérios danos emocionais e psicológicos às vítimas.

Segundo Piñuel e Oñate (2007), o bullying reflete um comportamento que agride e desconsidera a criança, infringindo seu direito assegurado de viver em um cenário escolar isento de violência e intimidação. Também, “[...] no bullying, a vítima é geralmente uma pessoa mais fraca, vulnerável ou menos popular, enquanto o agressor é alguém que possui um certo poder, seja ele físico, social ou psicológico, sobre a vítima.” (Cabral, 2023, p. 70).

Sendo assim, o bullying é uma ação que prejudica e não respeita a criança, comprometendo seu direito de estar em um espaço escolar onde não haja agressões nem perseguições.

Nesse sentido, os mesmos autores ampliam o conceito ao descrever o bullying como um maltrato verbal e físico persistente e intencional que uma criança sofre por parte de outro(s), que age de maneira cruel com o intuito de dominar, assustar, isolar, excluir, ameaçar ou obter algo da vítima através de coação, comprometendo sua dignidade e direitos essenciais. (Piñuel; Oñate, 2007).

Desse modo, esta visão direciona a atenção na definição de bullying como um tratamento abusivo e sistemático que visa o controle e a intimidação da vítima, além de violar a dignidade e os direitos fundamentais da pessoa. Essa definição de bullying se conecta diretamente com o papel dos educadores

sociais, pois destaca a natureza contínua e intencional do maltrato que as crianças enfrentam.

Assim, os educadores sociais são fundamentais na identificação e intervenção desses comportamentos prejudiciais, já que eles precisam reconhecer a gravidade do abuso verbal e físico descrito, além de entender como esses atos violam a dignidade e os direitos dos alunos. O papel que eles devem desempenhar nestas complicadas situações é de mediador e agente de mudança dentro das escolas.

3 FUNÇÕES E RESPONSABILIDADES

A prevenção e identificação temprana de atos que podem ser considerados como bullying no contexto escolar é de extrema importância e uma das funções e responsabilidades do educador social.

Segundo Meotti e Pericoli (2013), a escola é considerada uma extensão da casa pelos pais, eles se preocupam por colocar os filhos em um ambiente seguro e preocupado com os alunos, com a sua formação e valores, e é dever do ambiente escolar proporcionar esse tipo de cenário aos educandos.

Para Guareschi (2008, p. 17), as consequências para as vítimas de bullying são enormes, muitas delas podem desenvolver “medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar a escola quando esta nada faz em defesa da vítima”, a autora também menciona o suicídio como parte desses problemas.

Observa-se que o impacto do bullying é algo que pode afetar profundamente a vida das pessoas que o sofrem, tendo em vista que elas, frequentemente, passam a ter diversos problemas emocionais e psicológicos, como medo constante, ataques de pânico, depressão e distúrbios psicossomáticos (problemas físicos que têm origem psicológica).

A vítima de bullying pode sofrer durante muito tempo em silêncio, sem que pais, professores ou responsáveis saibam o que está lhe acontecendo (Fante, 2005), o educador social precisa estar preparado e

capacitado para tratar com as consequências que o bullying pode trazer, e no melhor dos casos, agir na prevenção, para evitar futuros casos e novas vítimas.

Quando a escola não toma medidas para proteger ou apoiar a vítima de bullying, é comum que a vítima evite frequentar a escola. Isso pode ocorrer porque a ausência de ação da escola pode conduzir a vítima a um sentimento de desamparo e insegurança.

Outra atitude importante a ser tomada é referente a testemunha da violência, segundo Tognetta e Vinha (2010, p. 452), “não há bullying sem que haja um público a corresponder com as apelações de quem ironiza, age com sarcasmo e parece liderar aqueles que são espectadores”.

Por conseguinte, é dever do educador orientar os discentes a se absterem completamente de qualquer forma de violência física ou emocional, seja praticando-a ou incentivando-a. É crucial que os estudantes sejam instruídos a se posicionar firmemente contra essas práticas e a tomar as ações adequadas quando confrontados com tais situações.

Para os alunos, notar que o educador não intervém ou não age em casos de bullying pode ser visto como uma aceitação tácita do comportamento. Isso pode transmitir a mensagem de que tais atitudes são permitidas e até legitimadas, contribuindo assim para a evolução dos incidentes de bullying no ambiente escolar. (Hektner; Swenson, 2012).

Dessa forma, a prevenção e a identificação precoce de bullying no ambiente escolar são ações necessárias e representam uma responsabilidade fundamental dos educadores sociais. A escola, enquanto extensão do lar, deve oferecer um ambiente seguro e acolhedor, alinhado às expectativas dos pais.

Assim, dada a gravidade das consequências que o bullying pode acarretar, incluindo problemas emocionais e psicológicos severos, é vital que os educadores sociais estejam adequadamente prontos para enfrentar e lidar com tais situações. Além disso, agir preventivamente pode reduzir a ocorrência de novos casos e proteger futuras vítimas, enfatizando a

necessidade e importância do ambiente escolar ser um local proativo e vigilante.

4 COLABORAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

A intervenção dos educadores sociais não deve ocorrer de forma isolada, é de extrema importância que eles colaborem com os professores e com a família do educando para criar e garantir um espaço escolar seguro e amigável.

Falando da família, se a criança vive em um meio onde os responsáveis cometem ou permitem atos de agressão em casa, ou em outros espaços, é possível que a criança sinta que a violência é permitida (Mussen, 1974 apud Fante; Pedra, 2008, p. 93). Já para Rosa (2010, p. 154), "[...] a prevenção deve começar em casa, com a devida educação e repasse de valores éticos e morais aos filhos, mas quando isso não é suficiente... cabe à escola promover essa reflexão".

Isso pode ocorrer porque, em alguns casos, a orientação familiar pode não ser suficiente para lidar com todas essas questões. Nesses casos, a escola ocupa um rol relevante em continuar e reforçar esses ensinamentos. A escola deve procurar promover a reflexão sobre valores éticos e morais, ajudando os discentes a desenvolverem uma compreensão mais efetiva desses conceitos.

Sabendo que o cuidado deve começar em casa, Fante e Pedra (2008, p. 2) afirmam que “as ferramentas mais eficazes para ensinar regras de convivência saudável aos filhos são o afeto incondicional, o diálogo e as atividades educativas, como jogos esportivos, aulas de arte e ações solidárias”, enfatizando assim que a família tem um rol fundamental no ensino de valores humanos como o respeito, a tolerância, a solidariedade, dentre outros.

Nesse cenário, o afeto Incondicional destaca que o amor e a aceitação sem condições são fundamentais para o desenvolvimento de um relacionamento saudável e para a internalização de comportamentos adequados. Enquanto, o diálogo aponta para a necessidade e importância de uma comunicação aberta e constante, onde os filhos

consigam expressar suas dúvidas e aprenderem sobre as regras de convivência através da conversa.

Além disso, práticas educativas como jogos esportivos, aulas de arte e ações solidárias podem favorecer o aprendizado prático e ajudar a ensinar valores e comportamentos de modo interativo.

Desse modo, vendo a necessidade e relevância de manter todos unidos na luta contra o bullying, Avilés Martinez (2013, p. 12), sugere o “fórum com a família”, uma intervenção onde podem se juntar os educadores sociais, professores, pais e até alunos para abrir um espaço de conversa em que possam, em conjunto, pensar sobre o problema, as consequências e uma possível solução.

Assim, observa-se que a eficiência da intervenção no combate ao bullying depende fortemente da colaboração entre educadores sociais, professores e famílias. A criação de um ambiente escolar seguro e acolhedor requer um esforço conjunto, pois a violência em casa pode influenciar a percepção da criança em relação ao comportamento aceitável.

Embora a prevenção deva iniciar com a educação familiar, a escola cumpre uma função muito importante ao promover discussões e reflexões sobre o problema. Abordagens como o fórum com a família são recomendadas para unir todos os envolvidos e desenvolver soluções eficazes para enfrentar e prevenir o bullying de forma colaborativa.

5 MÉTODOS DE INTERVENÇÃO UTILIZADOS PELOS EDUCADORES SOCIAIS

O enfrentamento do bullying escolar é considerado como um desafio crescente no ambiente de ensino, exigindo estratégias eficazes e bem estruturadas. Os métodos de Intervenção promovidos para combater o bullying escolar aborda como os educadores sociais empregam diversas metodologias para afrontar essa questão complexa.

O presente tópico examina os programas e abordagens desenvolvidos para prevenir e intervir em casos de bullying, destacando a pertinência de

intervenções proativas e sustentáveis de modo a se procurar transformar o ambiente escolar em um lugar mais protegido e inclusivo para todos.

6 PROGRAMAS E ESTRATÉGIAS

Múltiplos programas e estratégias podem ser desenvolvidos por educadores sociais para combater o bullying escolar. Uma estratégia conhecida e eficaz é a mediação, a qual para Almeida (2004, p. 100) “tem-se revelado um processo que valoriza a condição humana e que é capaz de impulsionar mudanças”, um procedimento para solucionar conflitos por meio do diálogo guiado entre a vítima e o agressor.

A mediação é um processo no qual um mediador neutro ajuda as partes envolvidas em um conflito a chegarem a um acordo. No contexto do bullying, isso pode significar intervir quando há situações de agressão, ajudando os discentes a dialogarem e a resolverem suas diferenças de forma construtiva.

Outra estratégia eficiente a ser adotada pode ser a contratação de um psicólogo para o ambiente escolar, que trabalhe em conjunto com o educador social em casos de bullying ou outras necessidades. Freire e Aires (2012, p. 58), afirmam que “o psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis”.

Nesse caso, o psicólogo possui a formação e as habilidades necessárias para lidar com questões relacionadas à violência dentro das escolas. Isso inclui identificar, prevenir e tratar situações de violência escolar. Contudo, seu papel não se limita apenas a intervir quando a violência já ocorreu, mas também a colaborar com a escola na criação de um ambiente mais positivo e seguro, trabalhando em conjunto com os educadores sociais. Isso envolve trabalhar na melhoria das relações entre alunos, professores e outros membros da comunidade escolar, promovendo um ambiente onde

todos se sintam respeitados e valorizados.

Também, seria importante considerar a construção e execução de programas anti-bullying, onde se possa discutir mais sobre este tipo de violência e suas consequências, assim como conscientizar pais e alunos, e acima de tudo capacitar os professores e o pessoal educativo para saber como reagir de maneira assertiva em algum caso futuro.

Para Shin e Hye (2008), o vínculo entre educador e aluno é essencial na manutenção de baixos índices de bullying escolar. Pesquisadores apontam que diversas vítimas de bullying mencionam a presença de conflitos ou a ausência de proximidade com os educadores, o que resulta em silêncio e falta de comunicação por parte das vítimas. A indiferença ou a falta de conexão do educador com o aluno pode, portanto, aumentar a frequência de incidentes de violência no ambiente escolar.

Com base na visão apresentada por Shin e Hye (2008), simplesmente implementar campanhas anti-bullying, mediações, intervenções psicológicas ou outras práticas preventivas não é suficiente. Além dessas abordagens, é essencial realizar um trabalho direto com os educadores. É necessário promover práticas pedagógicas que incentivem o respeito e a comunicação aberta entre os estudantes, bem como sua valorização geral.

Assim, a criação e implementação de programas e estratégias diversificadas é muito interessante para combater o bullying escolar com eficácia. Observa-se que a mediação, como processo de resolução de conflitos através do diálogo, pode ser uma ferramenta valiosa para promover mudanças positivas, e, que a presença de um psicólogo escolar também é destacada como uma abordagem eficaz para a prevenção e enfrentamento da violência, colaborando com educadores sociais para criar ambientes mais saudáveis.

Ademais, a geração de programas anti-bullying que envolvem conscientização e capacitação de pais, alunos e professores faz parte de uma resposta assertiva e preventiva a futuros casos de bullying.

7 EXEMPLOS DE INTERVENÇÃO

Com o intuito de diminuir os casos de bullying escolar, uma pesquisa realizada por Silva (2011, p. 584), em uma escola em Lisboa, diversas intervenções foram implementadas. Uma delas foi a “Implicação do Órgão Diretivo da Escola” onde levaram em consideração criar políticas escolares que envolvam a comunidade a adotar medidas de intolerância à violência.

A ideia é que para combater efetivamente a violência escolar, as políticas devem envolver a colaboração de toda a comunidade escolar. Esse envolvimento ajuda a criar uma cultura de respeito e não tolerância à violência, abrangendo a escola, os alunos e suas famílias, bem como outros membros da comunidade.

Outra medida adotada foi a “Implicação dos Encarregados de Educação/Família” onde envolveram as famílias em três reuniões com o intuito de sensibilizá-las sobre o bullying. Também trabalharam uma “Intervenção com as turmas” nas aulas de Formação Cívica durante 18 semanas, incluíam diversas atividades individuais e em grupo que reforçam a comunicação, “o autocontrole e o relacionamento interpessoal” e tornam “os indivíduos capazes de decidirem e optarem pela melhor atitude face a uma situação de tensão como a que se vive em casos de violência.” (Silva, 2011, p. 584)

Nesse caso, ao aprimorar o autocontrole e as habilidades de relacionamento interpessoal, os estudantes se tornam mais capacitados para atuar diante de situações conflituosas com maior eficiência e de modo construtivo. O que pode ajudar a resolver conflitos de forma mais pacífica e a gerar um ambiente de maior segurança e confiança.

A “Intervenção com Estudantes Agressores e/ou Vítimas Recorrentes”, também foi uma das estratégias escolhidas de intervenção onde separaram especificamente os alunos que tinham um comportamento mais violento e as vítimas frequentes. Ambos os grupos começaram um acompanhamento psicológico, “com os estudantes agressores foram

utilizadas técnicas de aconselhamento, tais como, a técnica de resolução de problemas e o método de preocupação partilhada e com os estudantes vítimas a técnica de treino assertivo.” (Silva, 2011, p. 584).

Dessa maneira, o uso de técnicas de aconselhamento específicas para diferentes grupos de estudantes procura abordar e solucionar o problema do bullying de um modo mais amplo. Para os agressores, as técnicas se concentram em mudar comportamentos e atitudes por meio de resolução de problemas e compartilhamento de preocupações. Para as vítimas, o foco é fortalecer a assertividade e a confiança, ajudando-as a se proteger e se afirmar.

Outra intervenção interessante foi a realizada e criada Piñuel e Oñate (2006), o programa de Prevenção do Assédio e Violência Escolar (A.V.E.) ajudou professores, educadores e psicólogos educacionais na diminuição do bullying por meio de intervenções feitas no ambiente escolar que promoviam uma cultura de rejeição à violência e protagonismo dos alunos como agentes pacificadores, conseguindo assim identificar antecipadamente possíveis casos e garantindo que o programa seja cumprido.

Sendo assim, as diversas intervenções implementadas demonstraram eficácia na redução do bullying escolar. A participação ativa do órgão diretivo e o envolvimento das famílias são fundamentais para criar uma política escolar intolerante à violência. Também, as atividades em sala de aula e o acompanhamento psicológico direcionado a agressores e vítimas também contribuíram para a melhoria do ambiente escolar. Além disso, o programa de Prevenção do Assédio e Violência Escolar (A.V.E.), supracitado, destaca por promover uma cultura de rejeição à violência e capacitar os alunos como agentes pacificadores, evidenciando a fundamentalidade de um método abrangente e integrado no combate ao bullying.

8 IMPACTOS DAS INTERVENÇÕES

Existe a necessidade de se compreender a eficácia das ações tomadas no ambiente escolar para se

poder combater a violência e o bullying. Nesse sentido, o foco apresentado neste tópico é investigar se as intervenções realizadas pelos educadores sociais, além dos demais envolvidos no processo, resultaram em uma redução significativa desses comportamentos prejudiciais que acarretam esse tipo de violência nas instituições educativas.

As medidas adotadas, que incluem e apresentam programas de conscientização, mediações de conflitos, treinamentos de habilidades sociais e outros esforços, têm como objetivo transformar o contexto escolar, de modo a que este ambiente seja mais seguro e de respeito para todos.

Dessa forma, é fundamental avaliar se essas estratégias realmente cumprem suas promessas, trazendo mudanças positivas e duradouras na redução da violência e do bullying entre os estudantes.

9 RESULTADOS POSITIVOS

Os impactos positivos das intervenções acima mencionadas são grandes, após desenvolver estes programas nas escolas, de forma geral, houve uma diminuição relevante dos casos de bullying e uma melhora da saúde mental e do bem-estar emocional e físico dos alunos.

Nas intervenções apresentadas no estudo de Silva (2011), demonstra-se que a diminuição dos casos de violência foi significativa, no caso de estudantes vítimas de bullying direto (considerando agressões físicas, apelidos pejorativos, ofensas verbais, gritos, gestos, expressões que gerem desconforto, entre outros) a porcentagem foi de 51% a 40,2%. Já, em relação ao bullying indireto (considerando atitudes de isolamento social, indiferença, difamação, desprezo, entre outros), a porcentagem foi de 53,4% a 37,1%, de estudantes agressores de bullying direto, e, de 27% a 18,4%, de estudantes agressores de bullying indireto de 35% a 20,1%, e de estudantes apoiadores – à vítima de bullying – de 37% a 52%.

Pode-se dizer que o estudo revela uma redução significativa nos casos de violência entre estudantes após as intervenções propostas. A diminuição é percebida tanto no bullying direto quanto no indireto, com uma queda expressiva na porcentagem de agressores e no número de vítimas. Assim, também, o trabalho mostra um aumento no suporte às vítimas, indicando um impacto positivo das estratégias adotadas. Esses resultados destacam a eficácia das intervenções em promover um ambiente escolar mais seguro e solidário.

A pesquisa de Silva (2011), também apresentou um aumento de 20,2% a 38,5% na quantidade de vítimas que falam sobre o ocorrido com alguém e de 15,6% a 55,1% na quantidade de vítimas que prestam queixa após sofrer um caso de agressão. O programa também teve efeito sobre o pessoal educativo, tendo um aumento como principais apoiadores às vítimas, no caso dos professores de 4,2% a 12,7% e de outros funcionários de 2% a 8,8%. Outro resultado importante foi sobre as reações dos estudantes que presenciam o bullying, antes da intervenção 32,6% chamavam um adulto em caso de presenciarem atos de violência e após o programa, aumentou para 64,3%.

Esses resultados apontam um avanço na disposição das vítimas em comunicar e denunciar agressões, com um aumento na porcentagem de estudantes que relatam os incidentes a alguém e formalizam queixas. O que reflete uma maior conscientização e confiança no sistema de apoio, o que pode ajudar a contribuir para a resolução e prevenção de casos de violência.

Por conseguinte, o programa demonstrou um impacto positivo ao aumentar o envolvimento do pessoal educativo no apoio às vítimas, com professores e outros funcionários mostrando maior participação. Além disso, houve uma melhoria significativa na resposta dos estudantes que testemunham bullying, com o número de alunos que chamam um adulto mais do que dobrando. Esses resultados destacam o avanço na mobilização da comunidade escolar para enfrentar e

prevenir a violência.

Já no caso do Programa A.V.E, de Piñuel e Oñate (2005), de forma geral houve uma diminuição de mais de 80% dos casos de bullying escolar. Esse resultado sugere que as estratégias e programas implementados foram altamente eficazes em combater o bullying e melhorar o ambiente escolar, evidenciando o impacto positivo das medidas adotadas para transformar o ambiente escolar e combater a violência de maneira substancial.

Cabe destacar que, as intervenções implementadas demonstraram resultados notáveis na redução do bullying escolar e na melhoria do bem-estar dos alunos. Houve uma diminuição significativa nos casos de violência, com reduções substanciais entre vítimas e agressores, além do aumento na disposição das vítimas em relatar e denunciar abusos. Além disso, o apoio dos educadores e a resposta mais ativa de estudantes que presenciaram situações de bullying também se mostraram como ações positivas.

10 DESAFIOS E LIMITAÇÕES

Mesmo com avanços, ainda há muitos desafios que precisam ser enfrentados quando o assunto é combater o bullying. Segundo Serpa (2023), um dos principais obstáculos na identificação de casos de violência é a cultura escolar, visto que se a própria escola não oferece um ambiente onde a empatia e o respeito mútuo sejam princípios, ou onde existam estratégias que abranjam as causas e conseqüências do bullying, nada poderá ser feito.

Caso a escola não adotar esses princípios e estratégias, será extremamente difícil abordar e resolver casos de violência de modo eficiente. A ausência de um ambiente empático e de estratégias adequadas pode permitir que a violência persista e que as vítimas não recebam o apoio que realmente necessitam.

Os educadores sociais e todo o pessoal envolvido no processo de ensino devem estar preparados para identificar corretamente os casos de violência, visto que a falta de qualificação deles pode

prejudicar e dificultar a sua capacidade de agir de maneira certa ao bullying, não conseguindo, assim, identificar os possíveis casos, ou em piores situações tendo um comportamento errôneo com as vítimas e agressores. (Panosso; Kienen; Brino, 2023).

Identificar esses casos de maneira correta é essencial para oferecer a ajuda adequada. Se os educadores sociais e o pessoal educativo não estão devidamente qualificados, podem ter dificuldades em agir com eficiência quando deparados com situações de bullying. A falta de treinamento pode levar a uma identificação inadequada dos casos, bem como à aplicação de intervenções que não resolvem o problema ou que até podem piorar a situação.

Fante e Pedra (2008), confirmam essa preocupante questão ao afirmar que muitas escolas não estão adequadamente preparadas para enfrentar o bullying com assertividade. Os autores destacam que há uma grande falta de preparo entre os profissionais da educação, chegando a casos em que estes reproduzem piadas, preconceitos ou discriminações diversas.

Eles também observam que tais situações são mais frequentes do que se supõe, ocorrendo através da comparação, constrangimento ou humilhação dos alunos, da redução da autoestima e da capacidade cognitiva dos estudantes, bem como da exposição pública deles, entre outros comportamentos.

Outra dificuldade que pode ser considerada é a desatenção na hora de identificar e registrar tais episódios, segundo Chalita (2008, p. 84) “é fundamental que os adultos não neguem os fatos, nem se coloquem à parte dos acontecimentos, arriscando diagnósticos precipitados”, minimizando os atos de bullying e sem tomar as medidas pedagógicas necessárias.

A falta de atenção dos adultos ao reconhecer e documentar adequadamente os episódios de agressão destaca como um problema importante na gestão do bullying nas escolas. a falta. Os educadores e outros adultos envolvidos não devem desconsiderar ou ignorar os incidentes de bullying, nem se distanciem das situações. Essa atitude pode resultar em avaliações apressadas e imprecisas da gravidade do problema, o

que, por sua vez, pode levar à minimização da seriedade dos atos de bullying. Como consequência, as medidas pedagógicas necessárias para abordar e resolver o problema podem ser negligenciadas, prejudicando a eficácia das intervenções e a segurança dos alunos.

Neto (2007, p. 58), sustenta que “[...] quando a escola não atua efetivamente para a redução do bullying entre seus estudantes acaba contaminada, tornando-se um ambiente inseguro, com altos índices de agressividade e a conseqüente perda do controle sobre o comportamento dos jovens[.]”, portanto o ambiente escolar precisa promover ambiente seguro, estável e tranquilo e assim como de socialização, onde os estudantes possam se desenvolver plenamente.

Desse modo, destaca-se a ineficácia na abordagem do bullying pode deteriorar o ambiente escolar, criando um espaço inseguro e desordenado, onde a agressividade é mais prevalente e o controle sobre as atitudes dos alunos se torna mais difícil.

Assim, a pesquisa conclui que a luta contra o bullying enfrenta desafios persistentes, sendo a cultura escolar e a qualificação dos educadores elementos primordiais para a sua eficácia. Sem um ambiente escolar baseado em empatia e respeito, e sem estratégias adequadas para afrontar o problema, a violência pode continuar a se manifestar e as vítimas podem não receber o suporte necessário. Além disso, a ausência de preparação dos educadores pode comprometer a identificação e a intervenção eficaz, exacerbando a situação. Para avançar na solução do bullying, é preciso que as instituições educativas adotem uma abordagem sistemática e capacitem seus profissionais adequadamente.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática do bullying nas escolas tem recebido crescente destaque ao longo dos anos, em razão dos efeitos significativos que pode causar tanto nas vítimas quanto no ambiente educacional em geral. Estabelecer de forma precisa o que caracteriza o

bullying escolar e entender sua frequência nas instituições de ensino são passos necessário para criar abordagens efetivas de intervenção e prevenção.

A presente análise evidencia a complexidade do combate ao bullying escolar e sublinha a necessidade urgente de estratégias eficazes para enfrentar essa questão persistente. Utilizando uma metodologia bibliográfica, revisaram-se estudos e práticas atuais relacionadas ao bullying e às intervenções eficazes, destacando a pertinência da atuação dos educadores sociais e demais profissionais da educação. A revisão evidenciou que a eficácia no enfrentamento do bullying depende não apenas da identificação precoce e da intervenção adequada, mas também da implementação e execução de programas estruturados que promovam um ambiente escolar seguro e respeitoso. A análise detalhou métodos como a mediação de conflitos e a atuação de psicólogos educativos, bem como a relevância de programas que fomentem a conscientização e a capacitação envolvendo pais, alunos e professores.

Desse modo, o estudo ressaltou a urgência de um enfoque integrado, que inclua a colaboração ativa entre educadores, gestores escolares e famílias para criar políticas escolares que sejam intolerantes à violência. A implementação e execução de programas como o A.V.E. demonstrou resultados positivos, com redução significativa nos casos de bullying e melhorias no bem-estar dos alunos. Portanto, o estudo concluiu que, para que a luta contra o bullying seja eficaz, é fundamental que os centros educativos adotem práticas baseadas em empatia e respeito e que capacitem seus profissionais de forma adequada, a fim de que possam enfrentar, com eficiência e obterem resultados diante desse tipo de problemas. Somente por meio de medidas pensadas e adotadas, em conjunto, será possível construir um ambiente escolar onde a violência seja adequadamente abordada e prevenida com eficiência, de modo a garantir a segurança e o desenvolvimento saudável dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H. N. A recomposição dos laços sociais – uma mediação expressiva e instrumental na luta contra a exclusão social. In: CUNHA, Pedro (org.). (2004). **Actas do colóquio de mediação**. Uma forma de resolução alternativa de conflitos. Porto: Universidade Fernando Pessoa. 2004.

AVILÉS, J. M. M. **Bullying: guia para educadores**. Campinas: Mercado de Letras. 2013.

CABRAL, G. N. O impacto do cyberbullying no ambiente educativo: desafios e estratégias de intervenção na abordagem psicoeducativa. In: CABRAL, Gladys Nogueira; RAIMUNDO, Joselita Silva Brito. (Org.). **Psicologia, Tecnologias e educação: Novas Perspectivas**, v. II. Alegrete, RS: Editora TerriED. 2023, p. 66-83. Disponível em: https://03aaa5d3-1809-4d80-ba2c-5513b2bdae61.usrfiles.com/ugd/03aaa5_62a44e1f54c54ac38fbc8c8a20213a3d.pdf Acesso e: 04 set. 2024.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 5. ed. São Paulo: Gente, 2008.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.

FERNANDES, G.; MATTAR YUNES, M. A.; TASCHETTO, L. R. BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: O papel do professor e da escola como promotores de resiliência. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 30, n. 3, 2017. DOI: 10.5902/2317175827701. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/27701>. Acesso em: 5 set. 2024.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicologia Escolar e Educacional**, 16(1), 55-60. 2012.

GUARESCHI, A. P. SILVA, M. R. da. (Coord.) **Bullying Mais Sério do que se imagina**. 2. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008.

HEKTNER, J. M.; SWENSON, C. A. Links from teacher beliefs to peer victimization and bystander intervention tests of mediating processes. **E-Journal of Early Adolescence**, Berlin, v. 32, n. 4, p. 516-536, Aug. 2012.

MENDES, C. S. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 45 (3). Lisboa, Portugal 2011 Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000300005>
Acesso em: 05 set. 2024.

MEOTTI, J. P.; PERÍCOLI, M. A postura do professor diante do bullying em sala de aula. **Revista Panorâmica On-Line**. Barra do Garças – MT, vol. 15, p. 66 - 84, dez. 2013. ISSN - 2238-921-0.

NETO, A. A. L. **Bullying**. Adolescente e Saúde. 2007.

PANOSSO, M. G.; KIENEN, N.; BRINO, R. de F. **Formação de Professores para Prevenção e Gestão de Situações de Bullying Escolar: Uma Revisão Sistemática da Literatura**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2023. v.39, e39. Pesquisa Doi: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e39310.pt>

PIÑUEL, I.; OÑATE, A. **Acoso y Violencia Escolar en España: Informe Cisneros X**. Ediciones IIEDDI. 2007.

PIÑUEL, I.; OÑATE, A. **Test AVE Acoso y Violencia Escolar**. Madrid: TEA Ediciones. 2006.

ROSA, M. J. A. Violência no Ambiente Escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. **Fórum Identidades**, 4(8), 143-158. 2010.

SERPA, D. Pensando um espaço livre de bullying: conscientizando na escola e na internet. **Revista Educar Mais**, v. 7, p. 703 - 711, 2023.

SHIN, Y.; HYE, Y. K. Peer victimization in Korean preschool children: the effects of child characteristics, parenting behaviors, and teacher-child relationships. **School Psychology International**, London, v. 29, n. 5, p. 590-605, Oct. 2008.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Bullying e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução. In: **Congresso Nacional De Psicologia Da Saúde: Saúde, Sexualidade e gênero** (Org.), Anais eletrônicos. Lisboa: ISPA - Instituto Universitário. 2010.